

Psicologia educacional e arte literária: interloquções para a compreensão dos laços familiares e escolares na atualidade

Graziela Lucchesi Rosa da Silva

O presente trabalho procede de pesquisas bibliográficas concluídas e em desenvolvimento, numa perspectiva histórico-cultural, e objetiva estabelecer interloquções entre a psicologia educacional e a arte literária visando subsidiar os enfrentamentos de educadores e psicólogos no tocante à relação família e escola na atualidade. Para tanto, almeja-se, abordar a instituição familiar e os papéis sociais que compreende, principalmente os referentes ao acompanhamento da vida escolar dos filhos, enquanto datados e, portanto, históricos.

Essa discussão é relevante à medida que é cada vez mais comum depoimentos de professores e famílias acerca das dificuldades de seus alunos/filhos e das dúvidas sobre a forma “ideal” de educá-los e limitá-los. Entretanto, diferem quando buscam pelas soluções dos problemas reais, estabelecendo um jogo de transferência das responsabilidades da causa dessa situação angustiante.

Assim, é comum a escola solicitar a presença da família para cooperar com a educação e para participar, com mais afinco, da vida escolar do aluno e, em contrapartida, os pais pedem para que os docentes e funcionários dêem “jeito” em seu filho, pois não sabem mais o que fazer.

Ante essa dinâmica instalada, o discurso de responsabilizar e/ou culpabilizar o aluno e a família vem ganhando notoriedade no meio educacional para esclarecer dificuldades e comportamentos que se manifestam de forma extensiva e perturbam a sociedade em geral.

Nessa empreitada, o psicólogo educacional é requisitado a explicar os comportamentos dos alunos, pais e professores no ambiente escolar e a diagnosticar as queixas escolares, resultando, geralmente, em proposições de alternativas aligeiradas e efêmeras. Isso porque a Psicologia, comumente, quando discute e analisa as ações humanas, favorece um conhecimento que se limita às histórias de vida particulares, procurando nos indivíduos as razões para suas dificuldades.

Alguns autores como Machado (2000), Meira (2000, 2003), Souza (2000, 2004), Facci (2004), Tuleski (2002, 2004), Barroco (2004), entre outros, vêm tecendo críticas contundentes a essas práticas particularizadas dos problemas de escolarização, demonstrando, com muita pertinência, a visão que torna natural o que em sua origem é social.

Por esse prisma, verifica-se a existência de uma prática de explicar *o que o aluno tem*, que o leva ao seu fracasso escolar, a partir de distúrbios de aprendizagem, problemas comportamentais e/ou transtornos emocionais, oriundos, muitas vezes, da desestruturação familiar e do não cuidado dos filhos por parte dos pais. Tais comprometimentos são *naturalizados*, descolando os alunos e a família da sociedade na qual estão inseridos e das relações sociais de produção que determinam esses fatos cada vez mais corriqueiros.

Considera-se que ir além da aparência dos fenômenos é tarefa de grande valor na atualidade, uma vez que a escola, cada vez mais, se defronta com o “não aprender” no interior das salas de aula, e a falta de um referencial teórico consistente tem conduzido à prática ideológica de atribuir ao indivíduo e ao seu contexto social mais próximo a promoção e instauração dos conflitos e indisciplina.

Assim, para além das queixas e lamentações referentes à família, este estudo traz a premissa básica de que esta se apresenta em “crise” e não exerce a contento as funções e atribuições (identificação social, reprodução, proteção, educação, socialização, entre outros) que lhes são delegadas neste momento, em função da crise humana e, fundamentalmente, social que se apresenta nos dias de hoje.

Partindo dos pressupostos da teoria histórico-cultural e das questões elencadas acima, entende-se que a *psicologia* pode tornar-se *educacional* quando permite aos indivíduos a compreensão dos limites, tanto dos problemas quanto de seus esforços em busca de soluções, e também quando oferece subsídios para que eles possam melhor conduzir o processo de desenvolvimento das crianças pela apropriação gradativa de mediadores culturais e pela possibilidade de refletirem e terem consciência sobre o que são e o por que são, e de superarem essa condição num *vir a ser*.

Essa dinâmica pode ser compreendida em sua totalidade quando obras de outras épocas servem de recurso para *ler* a historicidade dos homens, que suplantam o subjetivismo e as histórias de vidas isoladas de um contexto mais amplo. Com o auxílio da arte literária, tem-se a possibilidade, portanto, de analisar as situações sociais eminentes com um olhar crítico e que possibilita à Psicologia

e à Educação tornar seus objetivos mais eficazes para compreender o homem enquanto um ser social e a condicionalidade que os comportamentos e relações interpessoais e familiares possuem.

Por essa perspectiva, é relevante o estudo do surgimento da “crise” familiar – importante à psicologia educacional e à escola em geral – utilizando como recurso os escritos do romancista francês Honoré de Balzac (1799-1850), que representam a época em que a dissolução e a degradação dos hábitos e costumes aristocráticos cedia espaço à consolidação da moderna sociedade burguesa.

Nesse sentido, ao examinar, através da literatura, as mudanças nas relações sociais no século XIX, verifica-se que ocorreram modificações nas funções exercidas pela família na sociedade, no modo como ela se integra na produção e na maneira de sustentar seus membros.

Apreende-se que diferentes momentos históricos produzem homens com diferentes comportamentos e vínculos sociais. Conseqüentemente, constata-se que as relações estabelecidas no âmbito familiar são constituídas pela mesma premissa, ou seja, a transformação social, ocasionada pela mudança na forma de os homens produzirem a vida, provoca modificações na vida familiar. A história da família corresponde às transformações no processo de trabalho que determinam as relações que os homens mantêm entre si nas diferentes instâncias da vida.

Da importância da arte literária para a Psicologia Educacional

A literatura, embora expresse criações e fantasias, não abandona certos dados de realidade que são, em certa medida, comuns e aceitos pela sociedade. Nesse sentido, as produções artísticas, mesmo não sendo cópias fiéis da realidade, possuem grande possibilidade de apresentar *enredos* e *conteúdos* semelhantes aos que acontecem aos cidadãos comuns.

À primeira vista, a literatura, por tratar de personagens fictícios, parece ser independente, isolada e distante da realidade. Entretanto, o pensamento do autor é construído historicamente e, em função disso, independentemente de seu desejo, sua produção expõe questões essenciais do momento social em que vive, revelando uma forte tendência a expor as lutas, derrotas e vitórias no processo de vida ou de transformação social.

Vigotski, no livro *Psicologia da Arte*¹ (1999), investigou a obra literária (fábula, conto/novela e tragédia) pelo método de análise fundamentado no

1 Em 1925, Vigotski escreveu o livro *Psicologia da Arte*, que foi publicado na Rússia em 1965.

materialismo histórico. Nessa perspectiva, ele ressaltou a possibilidade de pensar acerca das produções humanas enquanto resultados de fatores socioculturais e que se sobrepõem aos desejos e ao mundo inconsciente de apenas um indivíduo (autor ou espectador).

Para ele, se a análise de uma obra se fundamentasse somente na posição imediata dos indivíduos que a produziram ou naqueles que a apreciam, ocorreria uma imparcialidade e um reducionismo, porque não seriam levadas em consideração as relações econômicas e sociais e a estrutura das forças produtivas que a determinaram, perdendo-se o significado histórico da arte criadora. Para Vigotski, “a arte nunca poderá ser explicada até o fim a partir de um pequeno círculo da vida individual, mas requer forçosamente a explicação de um grande ciclo da vida social” (1999, p. 99).

As manifestações e produções humanas não devem ser atribuídas apenas às histórias de vida, tomadas como pessoais e isoladas de um contexto mais amplo. As obras artísticas são formas de expressar a vida e estão intrinsecamente relacionadas ao meio social e ao estado de forças produtivas, pois “a arte, no mais aproximado sentido, é determinada e condicionada pelo psiquismo do homem social” (ibid., 1999, p. 11).

Vigotski (ibid.) demonstrou que a psicologia encontra nas obras de arte um recurso privilegiado de estudar e analisar a forma pela qual as contradições da vida material de uma época histórica determinam os comportamentos, os costumes, o modo de relação estabelecido entre os pares e a estrutura psíquica do indivíduo.

Por esse prisma, a literatura torna possível entender a dinâmica social, detalhando seus costumes, hábitos, comportamentos, sofrimentos, alegrias e paixões, através de homens concretos em situações particulares. No fenômeno individual manifestam-se clara e concretamente as grandes forças históricas e as contradições da sociedade.

A literatura, enquanto produção humana é, portanto, uma alternativa para que o antigo, o passado, seja resgatado no presente para a compreensão da análise fragmentada e reducionista da relação família e escola. Por essa perspectiva, os escritos de Balzac – *Memória de duas jovens esposas*, *O Baile de Sceaux*, *O Pai Goriot* – são fontes para analisar as mudanças nos tipos de relacionamentos familiares e ter parâmetros para a compreensão do conteúdo dessa família apresentado na atualidade.

Dos estudos da sociedade e da dinâmica familiar: o campo fecundo da representação literária

Sob o crivo da teoria histórico-cultural compreende-se que os comportamentos e os relacionamentos têm relação direta e imediata com a produção da existência e que, através da literatura, podemos visualizar a ilustração desse processo.

A escolha dos escritos do dramaturgo francês Honoré de Balzac, autor da obra *A Comédia Humana*, composta de mais de 90 romances e novelas, se faz em função de essa ampla produção literária representar uma das mais significativas expressões da realidade social do século XIX.² Segundo Marx e Engels (1974), a obra balzaquiana é uma fonte preciosa para estudos da sociedade oitocentista, uma vez que forneceu

[...] a história mais maravilhosamente realista da sociedade francesa (especialmente do mundo parisiense), descrevendo, em forma de crônica de costumes, quase de ano a ano, entre 1816 e 1848, a pressão cada vez mais forte exercida pela burguesia ascendente sobre a nobreza que se tinha reconstituído depois de 1815 e que (melhor ou pior), na medida do possível, levantava a bandeira da *velha fidalguia francesa*. (Marx e Engels, 1974, pp. 196-197)

Na descrição da realidade, Balzac expôs diferentes e variadas figuras sociais, que permitem refletir sobre os hábitos, comportamentos e costumes adquiridos pelos homens naquele momento transitório. Conseqüentemente, discutiu temáticas que abordaram questões referentes à família, à educação, aos impasses sociais e à afetividade que permeavam os vínculos sociais.

É importante marcar que esse autor, ao representar a realidade da sociedade francesa das primeiras décadas do século XIX, expressou, com riqueza de detalhes, um cenário conturbado por golpes, revoluções e movimentos populares justamente por ser um período que coroou a ascensão do capitalismo, mas no qual ainda existiam remanescentes da sociedade anterior.

Nesse processo, Balzac apresentou os antagonismos da sociedade e expressou, em suas obras, situações que espelhavam o movimento da transformação

2 Outros autores importantes dessa fase são os franceses Stendhal (1783-1842), que escreve *O Vermelho e o Negro*, e Prosper Merimée (1803-1870), autor de *Carmen*; além do russo Nikolay Gogol (1809-1852), autor de *Almas Mortas*.

social que levou à produção de novos indivíduos e, conseqüentemente, de novas relações sociais e familiares. Isso é bem evidente na obra *Memória de duas jovens esposas*.

Nela, constata-se, através da fala do pai de Luísa de Chaulieu, um nobre e um homem de Estado, a perda da autoridade perante os filhos,

A França, minha filha, está numa situação precária... (...) Sabes, minha filha, quais são os efeitos mais destruidores da Revolução? Jamais os suspeitarias. Ao cortar a cabeça de Luís XVI, a Revolução cortou a cabeça de todos os chefes de família, *há somente indivíduos*. Ao querer tornar-se uma nação, os franceses renunciaram a ser império. Ao proclamar a *igualdade de direitos à sucessão paterna, mataram o espírito de família, criaram o fisco*. Prepararam, pois, a fraqueza das superioridades e a força cega da massa, a extinção das artes, *o reinado do interesse pessoal e abriram caminho à conquista*. Achemo-nos entre dois caminhos: *ou constituir o Estado pela família, ou constituí-lo pelo interesse pessoal* [...] (Balzac, 1989, pp. 237-238, grifos nossos)

Na voz desse pai é revelado um momento contraditório e de luta, que foi gestado em período anterior e que ganhou forma e conteúdo com o ideário libertário da Revolução Francesa. A distribuição hereditária dos bens de forma igualitária entre todos os filhos e a deterioração do pátrio poder atestam que todos são iguais e têm os mesmos direitos. Esses são aspectos inerentes à organização social burguesa e levam os homens a se tornarem iguais em direitos e mais vulneráveis pelo fracionamento da propriedade, cabendo a cada qual defender a sua parte nos bens.

Balzac pôs à mostra a angústia de representantes aristocráticos que vivenciam a dissolução de costumes que lhes eram comuns e refletem o conflito entre a nova estrutura e os interesses estabelecidos no velho regime com a consolidação da sociedade burguesa. Esse processo antagônico remete a *um novo conceito de homem, uma nova forma de propriedade e de trabalho*, quando a igualdade de direitos e a liberdade dos indivíduos formam as novas leis da sociedade democrática.

Outro romance balzaquiano importante para se visualizarem os embates históricos que acompanharam as transformações sociais é *O Baile de Sceaux*. O narrador refere-se à figura do conde de Fontaine, representante da aristocracia francesa que se deparou com o fruto dos novos tempos. Nesse sentido, Balzac atestou, no romance, que a tendência à igualização social arrastou aqueles que, como o conde, jamais teriam consentido, outrora, no casamento de seus filhos com pessoas de classes sociais distintas da sua.

[...] a estada em Paris, a necessidade de representação, o esplendor da casa que compensava as privações tão corajosamente sofridas por eles no fundo da Vendéia, as despesas feitas com os filhos, absorviam a maior parte de suas rendas orçamentárias. Deviam pois agarrar como *um favor vindo do céu, a oportunidade que lhes apresentava de casar tão ricamente as filhas*. [...] *Casamentos tão vantajosos não se encontravam todos os dias para as moças sem dote*. (Balzac, 1989, p. 144, grifos nossos)

Balzac expressou em suas obras que a destruição de uma forma social vem acompanhada da destruição de suas instituições. O movimento da transformação leva à produção de relações sociais e familiares cuja organização e dinamismo condizem com as novas necessidades da sociedade capitalista.

Representou, ainda, as profundas mudanças da tessitura social, figurando condizentes acontecimentos e situações na vida familiar. Ele descreveu como, no interior dos lares, os escombros da sociedade anterior e a nova dinâmica do relacionamento entre os indivíduos criam, dolorosamente, uma nova forma de família.

Um exemplo é *O Pai Goriot*, que, mais do que uma ficção ou romance, é um drama, pela veracidade com que o autor representou a ambição, a necessidade de ostentação da riqueza, a busca desenfreada de lucratividade e a defesa de interesses individuais, princípios característicos da sociedade burguesa, que são o eixo norteador dos laços nessa família. O romancista alertou que *“All is true”*:³ ele é tão verídico que qualquer um pode reconhecer em si mesmo e, talvez, em seu próprio coração, os elementos que o compõem” (ibid., p. 24).

Observa-se, na relação entre esse pai e as filhas, que o cálculo, aspecto inerente à sociedade burguesa, está se tornando o elemento estruturador das relações interpessoais e, conseqüentemente, das familiares. O dinheiro passa a regular, cada vez mais, a vida e as relações humanas.

Nessa obra, a corrosão dos laços familiares se expressa na relação destrutiva que as filhas, Delfina e Nastácia, estabelecem com o pai. O amor paterno e abnegado pelas filhas leva Goriot a se desfazer da fortuna conquistada ao longo de uma vida de trabalho na fabricação e no comércio de talharim. Ele a despende lentamente para satisfazer aos caprichos e aos desejos de luxo das filhas, que, após consumirem todos os seus bens e arruína-lo, deixando-o em situação miserável, não o ajudam nem no momento de sua morte.

3 Segundo nota de rodapé que consta no romance: *“All is true: ‘tudo é verdade’ (em inglês no original). Nas edições anteriores a 1839, esta frase servia de epígrafe ao romance”* (Balzac, 1989, p. 24).

Esse pai sucumbe na forma burguesa para que as filhas, assumindo os costumes da nobreza, permanecessem e brilhassem na alta roda social. Nesse caso, ao invés de as filhas servirem ao pátrio poder, a relação apresenta-se praticamente invertida.

As novas relações estabelecidas entre os pais com seus filhos expressam a transformação social, posto que a autoridade paterna foi alterada, tornando a obediência filial mais frouxa e permitindo que o vínculo de domínio e subordinação de outrora fosse substituído por uma relação mais igualitária e menos hierárquica.

As mudanças das leis em torno da família, principalmente a da lei do morgadio, instituindo o direito de herança a todos os filhos e extinguindo o direito de primogenitura, permitiu a fragmentação da propriedade privada. A nova forma de produção fraciona o solo e fragmenta a unidade familiar, colocando cada qual à mercê de seus próprios cuidados.

Nesse sentido, todos passam a competir entre si, independentemente dos laços familiares que os ligam. Essa situação pode ser observada no seguinte fragmento de *O Pai Goriot*, composto por uma discussão rancorosa e acusativa entre as filhas do pai Goriot.

– Mesmo que fosse assim – disse Delfina, corando –, como foi que te comportaste comigo? *Renegaste-me*, fizeste com que se fechassem para mim as portas de todas as casas onde eu desejava ir, enfim *nunca perdeste a menor ocasião de me prejudicar*. E acaso vim, como tu, *arrancar deste pobre pai mil francos em cima de mil francos, toda a sua fortuna, e reduzi-lo ao que hoje é?* Eis tua obra, minha irmã. Quanto a mim, visitei meu pobre pai sempre que pude, *não o pus para fora de casa* e não vim lamber-lhe as mãos quando precisei dele. Nem mesmo sabia que ele empregara esses doze mil francos por mim. E tenho como pagá-los, bem sabes! Além disso, quando papai me dá presentes, não é porque eu os tenha pedido.

– Foste mais feliz do que eu: o sr. de Marsay era rico, sabias disso. *Sempre foste vil como dinheiro, interesseira...* Adeus! *Não tenbo irmã*, nem...

– Só mesmo uma irmã como tu poderia repetir uma coisa que ninguém mais acredita! *És um monstro!* – disse Delfina.

– Minhas filhas, minhas filhas! Calai-vos ou em me mato diante de vós!

– Está bem, Nastácia. Perdôo-te – disse a sra. de Nucingen, continuando –, *és uma desgraçada. Sou melhor que tu*. Vens me dizer uma coisa dessas no momento em

que eu me sentia capaz de tudo para socorrer-te, mesmo de entrar no quarto de meu marido, coisa que eu nunca faria nem por mim nem por... Isso fica a altura de *todo o mal que me fizeste nestes nove anos*. (Ibid., pp. 199-200, grifos nossos)

Balzac demonstrou que a aspiração ao poder, à fortuna e ao triunfo individual corrompe os vínculos sociais e, em particular, os familiares, criando uma *surda luta doméstica*.⁴

Balzac desvelou, por meio de significativas situações e pequenas disputas, as mútuas frustrações, insatisfações pessoais, as vaidades colocadas à mostra, as mesquinhas do cotidiano familiar, a liberdade de escolha. Os interesses pessoais restringem a família a um círculo de relações embrutecidas e distantes.

A modificação das relações entre familiares, bem como seus comportamentos e vínculos afetivos, revelam que as instituições não têm existência própria e que a destruição de um modo de organização social tem como conseqüência a desestruturação e o esfacelamento das suas instituições, que são substituídas por outras, que condizem com as necessidades sociais emergentes.

As trajetórias divergentes dos vários personagens explicitam a vivência de novos papéis e sentimentos no meio familiar. Nesse sentido, Balzac assinalou novos acontecimentos, vivências e disputas na vida familiar condizentes com o movimento social.

Inúmeras passagens retratam a condição desse novo homem, com uma nova consciência e nova forma de se relacionar com os seus pares e familiares. Retratam, fundamentalmente, um período transitório em que as formas de produção humana estão se modificando, o que leva a costumes, hábitos, comportamentos, ações diferenciadas.

À medida que o comércio se amplia e a propriedade é dividida, as relações deixam de se dar no interior da família, levando ao seu esfacelamento. A sucessão dos bens e a primogenitura, que haviam garantido a sobrevivência da nobreza durante séculos, foram destruídas pelas relações burguesas. Nas palavras de Tocqueville:

Quando *não mais existem riquezas hereditárias, privilégios de classe e prerrogativas de nascimento*, e cada qual só tira a sua força de si mesmo torna-se visível que é a inteligência que faz a principal diferença entre a fortuna dos homens. [...]

4 Palavras usadas por Balzac em *O Baile de Sceaux* (1989, p. 145).

Nos séculos democráticos *esclarecidos e livres*, os homens nada têm que os separe ou os retenha em seu lugar; *elevam-se ou se abaixam com uma rapidez singular*. Todas as classes se vêem constantemente, porque estão demasiado próximas. Comunicam-se e se misturam todos os dias, imitam-se e se invejam; isto sugere ao povo uma infinidade de idéias, de noções, de desejos que ele nunca teria tido, se as posições tivessem sido fixas e fosse imóvel a sociedade. [...]

A partir do momento que a multidão começa a se interessar pelos trabalhos do espírito, descobre-se que um grande meio de atingir a glória, o poder ou as riquezas, é mostrar-se excelente em alguns dentre eles. A *inquieta ambição* que a *igualdade faz nascer* revela-se logo por este como por todos os lados. (1987, pp. 344-345, grifos nossos)

Nesse sentido, apreende-se que diferentes momentos históricos produzem homens com diferentes comportamentos e vínculos sociais. Conseqüentemente, constata-se que as relações estabelecidas no âmbito familiar são constituídas pela mesma premissa, ou seja, a transformação social, ocasionada pela mudança na forma de os homens produzirem a vida, provoca modificações na vida familiar. A história da família corresponde às transformações no processo de trabalho que determinam as relações que os homens mantêm entre si nas diferentes instâncias da vida.

Considerações finais: em busca de um final mais feliz

Através deste trabalho, acredita-se que sair do reino das aparências é premente, uma vez que a análise da realidade que toma a parte pelo todo, nos limites de sua manifestação, não tem dado conta das contradições que se avolumam com freqüência nas escolas. Se há tanta queixa apontando para aquilo que a família não faz e para o que a escola reclama, é preciso entender essa temática com mais cuidado e avançar para além das lamentações, uma vez que não se trata apenas de problemas nas relações interpessoais e nos comportamentos de alunos, pais e professores. De fato, a compreensão dessas relações só é possível mediante a compreensão da totalidade histórica que as movimenta e da apreensão de que fazem parte, antes de tudo, de relações sociais (Barroco, 2004).

Cortar as relações sociais e históricas que poderiam explicar as patologias ou dificuldades de aprendizagem, ficando preso ao indivíduo (ou a sua família), é uma premissa da ideologia neoliberal, que analisa e discute os comportamentos e relações humanas de forma particularizada. Isso não contribui para o entendi-

mento do homem em sua totalidade, uma vez que delega ao indivíduo as causas de seus problemas, não relacionando os aspectos individuais aos sociais e negando a realidade histórica que lhes é anterior.

Nesse sentido, antes de *chamar a família* “desnaturalizada” para cumprir suas funções e atribuições, é necessário considerar que a família pleiteada pela escola “nunca existiu na forma saudável, serena” (ibid., p. 179). Fechar-se nessa concepção idealizada da família fetichizada, limita as reais possibilidades de intervenção e a proposição de alternativas de trabalho entre a escola e pais para a otimização do processo de ensino-aprendizagem.

Através da teoria histórico-cultural, tem-se a possibilidade de superar essa análise reducionista e fragmentada da relação família e escola. Isso porque essa abordagem apreende as relações humanas como produto da forma de os homens produzirem a vida e considera o psiquismo humano individual como produto das relações sociais mais amplas.

Essas proposições são postas à mostra em obras literárias, pois, enquanto produções humanas, são expressões intelectuais e criativas datadas, que revelam a realidade social de forma minuciosa, ao mesmo tempo em que apresentam a diversidade do comportamento humano, mediando conflitos particulares.

Através de alguns romances de Balzac, essas reflexões puderam ser aprofundadas num sentido demonstrativo, uma vez que a análise literária oitocentista permitiu acompanhar, na figuração de relações específicas, a perda da autoridade, o afrouxamento das relações, o voltar para si mesmo e o lugar que o dinheiro ocupa nas relações entre os homens.

Ao identificar a gênese das relações familiares no passado, paralelamente ao encaminhamento que tiveram, tem-se a possibilidade de compreender a constituição da organização familiar atual. Conseguem-se, assim, um respaldo teórico para entender os vínculos familiares, que se apresentam confusos, desatados e contraditórios, como intimamente relacionados ao movimento social.

Ler esses fatos ou eventos dramáticos, nas produções literárias de Balzac, viabiliza a síntese das proposições educacionais e da estrutura social em ebulição deste período. Reitera-se que essa perspectiva de estudo propicia à Psicologia superar a condição histórica de entendimento do comportamento humano e que essa ciência tem a necessidade e a possibilidade de eleger outras fontes e recursos para compreender o homem, mas nem sempre o faz, posto que as anamneses e histórias de vida, tomadas isoladamente, *relatam* os sujeitos, mas não os explicam.

A arte torna-se, portanto, uma forma de mediação para a Psicologia educacional compreender os conteúdos das relações estabelecidas através da análise de fatos concretos que existem em uma realidade objetiva.

Essa forma de trabalho configura-se, ainda, como recurso educativo por orientar educadores, psicólogos e acadêmicos, ajudando-os a compreender as formas pelas quais as transformações sociais e históricas manifestam-se nas relações humanas, possibilitando compreender os homens no seu modo de vida.

O estudo dos clássicos, por essa perspectiva, é uma opção de estudo no interior das escolas, com pais, professores e alunos, justamente por possibilitar a visão articulada da totalidade humana em um momento em que a fragmentação do saber impera. Obras clássicas, por esse modo, são fontes que viabilizam o entendimento dos fatos sociais e fornecem subsídios a respeito da diversidade humana, favorecendo a apropriação de como os homens determinam novas relações, em virtude das novas necessidades sociais que são edificadas.

Nesse sentido, o recuo a uma época em que os homens vivenciavam a transição de um modo de vida para outro se revela importante, já que, no período histórico atual, também se vivencia uma transição e enfrentam-se os sofrimentos que ela produz: indivíduos perdendo as referências de seus papéis sociais, flexibilização dos valores ético-morais, deposição de normas e regras de convívio social, menosprezo pelo conhecimento teórico e propostas coletivas, desprendimento dos laços societários e familiares.

Por essa perspectiva, destaca-se que há sentido em a Psicologia ter função educativa na escola quando contribui para esclarecer que mediações significativas propulsionam a aprendizagem e o desenvolvimento dos indivíduos, sejam eles pais, professores ou alunos.

Na contemporaneidade, como já salientado, tem-se a naturalização de características e comportamentos que têm raiz histórica e social. Dessa forma, em um período em que a escola e a família perdem as bases para a execução de suas funções educativas, contraditoriamente, essas instituições sociais podem, através do reconhecimento de seus limites e da identificação dos elementos da crise instituída, vislumbrar possibilidades de enfrentamento dos impasses e outras formas de humanização e educação.

Resumo

O presente trabalho, à luz da psicologia histórico-cultural, objetiva estabelecer interlocuções entre psicologia educacional e arte literária para subsidiar os enfrentamentos de educadores e psicólogos referentes à relação família e escola na atualidade. Para tanto, este estudo respalda-se em obras de Balzac, representativas do século XIX, enquanto recurso capaz de informar acerca das relações sociais e dos vínculos familiares como intimamente relacionados ao movimento de transformação social. Conclui-se que o exercício de analisar a família pela vertente histórica é uma ferramenta importante para a psicologia educacional por apreender os embates atuais como questões humanas próprias desta época, tendo a possibilidade de criar novas práticas de intervenção no âmbito escolar com a família.

Palavras-chave: psicologia histórico-cultural; arte literária; família.

Abstract

The current work, in the light of the Cultural-Historical Psychology, aims to establish connections between the educational psychology and the literary art as a basis to the challenges faced by educators and psychologists to what concerns the relation between the family and the school nowadays. To do so, this work is based on Balzac's works, which were very representative on the 19th century, also being a considerable resource to provide information about the social relations and family ties which are intimately related to the movement of social transformation. In conclusion, the act of analyzing the family through a historical view is a valuable tool for the educational psychology due to the fact that it encapsulates current issues like human questions, raising the possibility for creating new intervention practices in school and family grounds.

Keywords: Cultural-Historical Psychology; Literary Art; Family.

Resumen

El presente trabajo, a luz de la Psicología Histórico-Cultural, objetiva establecer interlocuciones entre la psicología educacional y el arte literario para subsidiar los confrontamientos de educadores y psicólogos tocantes a la relación familiar y la escuela en la actualidad. Por lo tanto, este estudio se respalda en obras de Balzac, representativas del siglo XIX, mientras el recurso es capaz de informar acerca de las relaciones sociales y de los vínculos familiares íntimamente relacionados al movimiento de transformación social. Se concluye que el ejercicio de analizar la familia por la

vertiente histórica es una herramienta importante a la psicología educacional para aprehender los encuentros actuales como cuestiones humanas propias de esta época, teniendo la posibilidad de crear nuevas prácticas de intervención en el ámbito escolar con la familia.

Palabras claves: *Psicología Histórico-Cultural; Arte Literaria; Familia.*

Referências

- Balzac, H. (1989a). “Memória de Duas Jovens Esposas”. In: *A Comédia Humana*. Trad. Vidal de Oliveira. 2 ed. São Paulo, Globo.
- ____ (1989b). “O Baile de Sceaux”. In: *A Comédia Humana*. Trad. Vidal de Oliveira. 2 ed. São Paulo, Globo.
- ____ (1989c). “Pai Goriot”. In: *A Comédia Humana*. Trad. Vidal de Oliveira. 2 ed. São Paulo, Globo.
- Barroco, S. M. S. (2004). “A família fetichizada na ideologia educacional da sociedade capitalista em crise: uma questão para a Psicologia”. In: Duarte, N. (org.). *Crítica ao fetichismo da individualidade*. Campinas, SP, Autores Associados,
- Facci, M. G. D. (2004). *Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor? Um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia vigotskiana*. Campinas, SP, Autores Associados.
- Machado, A. M. (2000). “Avaliação psicológica na educação: mudanças necessárias”. In: Tanamachi, E. de R.; Proença, M. e Rocha, M. L. da (orgs). *Psicologia e Educação: desafios teórico-práticos*. São Paulo, Casa do Psicólogo.
- Marx, K. e Engels, F. (1974). *Sobre Literatura e Arte*. Trad. Albano Lima. 4 ed. Lisboa, Editorial Estampa.
- Meira, M. E. M. (2000). “Psicologia Escolar: pensamento crítico e práticas profissionais”. In: Tanamachi, E. de R.; Proença, M. e Rocha, M. L. da (orgs). *Psicologia e Educação: desafios teórico-práticos*. São Paulo, Casa do Psicólogo.
- ____ (2003). “Construindo uma concepção crítica de Psicologia Escolar: contribuições da Pedagogia Histórico-Cultural e da Psicologia Histórico-Crítica”. In: Meira, M. E. M. e Antunes, M. A. M. *Psicologia escolar: teorias críticas*. São Paulo, Casa do Psicólogo.

- Souza, M. P. R. de (2000). “A queixa escolar na formação de psicólogos: desafios e perspectivas”. In: Tanamachi, E. de R.; Proença, M. e Rocha, M. L. da (orgs.). *Psicologia e Educação: desafios teórico-práticos*. São Paulo, Casa do Psicólogo.
- ____ (2004). “As contribuições dos estudos etnográficos na compreensão do fracasso escolar no Brasil”. In: Machado, A. M. e Souza, M. P. R. (orgs.). *Psicologia escolar: em busca de novos rumos*. 4 ed. São Paulo, Casa do Psicólogo.
- Tocqueville, A. de (1987). *A democracia na América*. Trad. Neil Ribeiro da Silva. 2 ed. Belo Horizonte/São Paulo, Ed. Itatiaia/Ed. da Universidade de São Paulo.
- Tuleski, S. C. (2002). *Vygotski: a construção de uma psicologia marxista*. Maringá, Eduem.
- ____ (2004). “Reflexões sobre a gênese da Psicologia Científica”. In: Duarte, N. *Crítica ao fetichismo da individualidade*. Campinas, SP, Autores Associados.
- Vigotski, L. S. (1999). *Psicologia da Arte*. São Paulo, Martins Fontes.

Recebido em dezembro de 2006.

Aprovado em março de 2007.

Graziela Lucchesi Rosa da Silva
Mestre em Educação, pela Universidade Estadual de Maringá, Brasil
Professora do Centro Universitário de Maringá – Cesumar
E-mail: grazielaluc@hotmail.com